

## DESIGUALDADES NO MANEJO À CUIDADOS PARA DOR NAS COSTAS - PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE, 2019

JULIANA QUADROS SANTOS ROCHA<sup>1</sup>; YOHANA PEREIRA VIEIRA<sup>2</sup>; ABELARDO  
DE OLIVEIRA SOARES JUNIOR<sup>3</sup>; ROSÁLIA GARCIA NEVES<sup>4</sup>; ELIZABET SAES-  
SILVA<sup>5</sup>; MIRELLE SAES<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande – [julianaqrocha2@hotmail.com](mailto:julianaqrocha2@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande – [yohana\\_vieira@hotmail.com](mailto:yohana_vieira@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal do Rio Grande – [junior\\_osoares@hotmail.com](mailto:junior_osoares@hotmail.com)

<sup>4</sup>3ª Coordenadoria Regional de Saúde. Pelotas. Rio Grande do Sul – [rosaliagarcianeves@gmail.com](mailto:rosaliagarcianeves@gmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal do Rio Grande- [betssaes@gmail.com](mailto:betssaes@gmail.com)

<sup>6</sup>Universidade Federal do Rio Grande – [mirelleosaes@gmail.com](mailto:mirelleosaes@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A dor nas costas é considerada um agravamento à saúde, sendo uma das queixas mais comumente relatadas pela população adulta, gerando redução de funcionalidade e incapacidade além de ser uma das principais causas de afastamento de atividades laborais (FOSTER et al.,2018). A prevalência deste agravamento é elevada e afeta aproximadamente 40% da população global ao longo da vida, levando a ser considerada uma das principais causas de incapacidade no mundo (HARTVIGSEN et.al.,2018).

Dentre os fatores relacionados à ocorrência e intensidade da dor nas costas estão as características socioeconômicas (KIADALIRI et al.,2021). Estudos nacionais e internacionais apontam maior dor nas costas entre os menos escolarizados e mais pobres, chegando a prevalências 30% maiores quando comparados aos de maior escolaridade (ROMERO et al.,2019). Isto se deve ao fato destes indivíduos estarem mais expostos a fatores comportamentais de risco, como sedentarismo, má alimentação, movimentos repetitivos em atividades laborais, e também ao menor acesso à cuidados para dor nas costas (OMS, 2021).

Dada a importância e o impacto da dor nas costas, em 2017, a OMS lançou a Iniciativa Reabilitação 2030, que visa fortalecer os serviços de saúde para oferta e manejo de cuidados em reabilitação, uma vez que esta condição é uma das que mais contribuiu para necessidade de serviços de saúde, e que em países de baixa e média renda o acesso a estes serviços é inferior à 50% (CIEZA et al.,2020; OMS, 2021). Contudo, ainda que a literatura indique o manejo contínuo como método eficaz para o cuidado de pessoas com dor nas costas e com potencial para redução do impacto negativo na qualidade de vida, funcionalidade e custos de saúde destes, e que o maior efeito da dor nas costas é nas populações mais vulneráveis e com menor acesso à tratamentos, poucas pesquisas avaliaram essa relação (KIADALIRI et al.,2021).

Assim, o objetivo deste estudo foi verificar a presença de desigualdades socioeconômicas para o manejo da dor nas costas entre os brasileiros.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal com dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019. O manejo do cuidado para dor nas costas foi avaliado por meio de cinco desfechos: exercícios regularmente; fisioterapia; uso de medicamentos ou injeções; práticas integrativas e complementares (PICS); acompanhamento regular com profissional de saúde. Foi estimada a magnitude das desigualdades de cada desfecho em relação às exposições (escolaridade e renda) por meio de dois índices: o *slope index of inequality (SII)* e o *concentration index (CIX)*.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 90.846 entrevistados, 19.206 indivíduos (21,1%) referiram algum problema crônico de coluna, onde 57,0% era do sexo feminino, 41,7% tinha 65 anos ou mais, 45,2% referiu cor de pele branca, 46,2% tinha o ensino fundamental incompleto e 49,4% se localizava na região Sudeste. Dados anteriores da PNS de 2013 mostraram resultados semelhantes em que, aproximadamente, um quinto da população brasileira referiu dor crônica de coluna e as características associadas à maior prevalência de dor crônica de coluna foram aumento da idade (independente de sexo) e baixa escolaridade entre outros. Além disso, mulheres referiram ter maior dor quando comparadas aos homens (MALTA et al.2017). Quanto à baixa escolaridade, estudos já consideram como fator preditor de dor crônica (ROMERO et al., 2019)

Como forma de manejo para dor nas costas, os desfechos mais prevalentes foram uso de medicamentos e injeções (45,3%), prática de exercício físico (26,3%) e acompanhamento regular com profissional de saúde (24,7%). Os resultados também mostraram que os mais ricos e escolarizados realizavam mais exercício físico, fisioterapia, PICS e acompanhamento regular com profissional de saúde. Estes resultados corroboram com dados da literatura que demonstram uma forte associação com a realização de tratamentos contínuos como prática de exercício físico/fisioterapia e PICS com melhor situação socioeconômica (FERREIRA et al.,2011; ROMERO et al., 2019).

O uso de medicamentos para manejo de dor nas costas não apresenta grandes diferenças entre características socioeconômicas, de acordo com a literatura, visto que seu maior uso está relacionado a piores condições de saúde. No entanto, no presente estudo, os mais pobres e menos escolarizados faziam uso de tratamento medicamentoso (GROßSCHÄDL et al.,2015).

## 4. CONCLUSÕES

A existência de desigualdades no manejo para dor nas costas na população brasileira foi evidente, mostrando que pessoas com melhores condições socioeconômicas (maior escolaridade e renda) realizavam mais exercício físico, fisioterapia, PICS e acompanhamento regular com profissional de saúde, enquanto pessoas com piores condições socioeconômicas faziam uso de tratamento medicamentosos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOSTER, N. E.; ANEMA, J. R.; CHERKIN, D.; CHOU, R. et al. Prevention and treatment of low back pain: evidence, challenges, and promising directions. **Lancet**, 391, n. 10137, p. 2368-2383, Jun 9 2018.

Hartvigsen J, Hancock MJ, Kongsted A, Louw Q, Ferreira ML, Genevay S, et al. Series Low back pain 1 What low back pain is and why we need to pay attention. **Lancet**. 2018;391(10137):2356–67. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)30480-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(18)30480-X).

Kiadaliri A, Merlo J, Englund M. Complex sociodemographic inequalities in consultations for low back pain : lessons from multilevel intersectional analysis. **Pain**. 2021;162(4):1135–43. <http://dx.doi.org/10.1097/j.pain.0000000000002081>.

Romero DE, Maia L, Marques AP, Borges PR. Desigualdades e fatores associados ao tratamento do problema crônico de coluna no Brasil Chronic low back pain treatment in Brazil: inequalities and associated factors. **Cien Saude Colet**. 2019;24:4211–26. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320182411.06352018>

World Health Organization (WHO). Noncommunicable diseases [Internet]. 2021 [cited 2021 Jun 13]. Available from: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs355/en/>

Cieza A, Causey K, Kamenov K, Hanson SW, Chatterji S, Vos T, et al. Articles Global estimates of the need for rehabilitation based on the Global Burden of Disease study 2019: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2019. **Lancet**. 2020;396(10267):2006–17. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)32340-0](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32340-0)

World Health Organization (WHO). Musculoskeletal conditions [Internet]. 2021 [cited 2021 Jun 13]. Available from: <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/musculoskeletal-conditions>

Romero DE, Maia L, Marques AP, Borges PR. Desigualdades e fatores associados ao tratamento do problema crônico de coluna no Brasil Chronic low back pain treatment in Brazil: inequalities and associated factors. **Cien Saude Colet**. 2019;24:4211–26. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320182411.06352018>.

Ferreira GD, Silva MC, Rombaldi AJ, Wrege ED, Siqueira FV, Hallal PC. Prevalência de dor nas costas e fatores associados em adultos do Sul do Brasil: estudo de base populacional. **Rev Bras Fisioter**. 2011;15(1):31-6. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552011005000001>.

Großschädl F, Stolz E, Mayerl H, Rásky É, Freidl W SW. Educational inequality as a predictor of rising back pain prevalence in Austria — sex differences. **Eur J Public Health**. 2015;26(2):248–53. <http://dx.doi.org/10.1093/eurpub/ckv163>